A arquidiocese de São Salvador da Bahia e seus bispos

FERNANDO CÂMARA[*]

Não era ainda sede episcopal e estava subordinada à Diocese de Funchal, na Ilha da Madeira, cujo bispado fora criado em 12 de junho de 1514 pelo Papa Leão X através da Bula *PRO EXCELENTI*, atendendo ao pedido do rei de Portugal, Dom Manuel - o Venturoso.

Somente após a instalação do Governo Geral, em 7 de janeiro de 1549, com a posse de seu 1º. governador, Thomé de Souza, iniciou-se um movimento para que a então Colônia tivesse foro episcopal e onde muito se destacou a ação do jesuíta Padre Manuel da Nóbrega.

Em carta ao rei Dom João III, este abnegado missionário, além de abordar outros assuntos relacionados as suas atividades no Brasil, também diz estas palavras: “é muito necessário cá um bispo”.

Tal sugestão despertou o interesse do monarca português, o qual, em correspondência datada de 31 de julho de 1550, ao Pontífice Júlio III, solicita a criação do bispado brasileiro.

Assim, em 25 de fevereiro de 1551, através da Bula *SUPER SPECULA MILITANTIS ECCLESIAE*, o Brasil era promovido a sede episcopal, desligando-se do Sólio madeirense.

Para dirigir a nova diocese foi nomeado bispo o Padre Dr. Pedro Fernandes Sardinha, teólogo pela Universidade de Paris, onde teve como colega Francisco Xavier, depois grande missionário no Oriente e hoje santo da Igreja Católica. Outro seu companheiro de estudos foi o clérigo João Calvino, mais tarde heresiarca.

Para conhecimento dos leitores, gostaríamos de enumerar os oito bispos e os vinte e cinco arcebispos que ocuparam a mitra de São Salvador da Bahia – tal é a designação oficial dessa Arquidiocese – durante os 459 anos de sua existência, ou seja, de 1551 até o presente ano de 2010.

---

[*] Sócio efetivo do Instituto do Ceará.

1º. Bispo - Dom Pedro Fernandes Sardinha (1552-1556)

Conforme já dito, Dom Pedro Fernandes Sardinha foi o primeiro Pastor a ocupar a mitra salvadorense, a qual compreendia todo o território nacional.

Também citado por muitos historiadores com o nome de Pero Fernandes Sardinha, era natural de Setubal, Portugal, tendo nascido pelos idos de 1496. Matriculando-se em 26 de junho de 1525, na Universidade de Paris, ali residiu durante quatro anos no Colégio Santa Bárbara, onde, segundo seu próprio depoimento, foi professor de Inácio de Loiola, fundador da Companhia de Jesus e mais tarde canonizado pela Igreja. Outro seu aluno foi o Padre Simão Rodrigues, que se notabilizaria como Provincial dos jesuítas em Portugal.

Intensas foram as suas atividades eclesiásticas antes de ser elevado às honras episcopais: capelão da igreja de Sebastião, na Ilha da Madeira (nomeação de 7 de maio de 1529), capelão em Lisboa (nomeação de 10 de novembro de 1531), tendo sido posteriormente transferido para a cidade do Porto, onde permaneceu até 10 de fevereiro de 1545, quando teve a sua nomeação para Deão da Sé de Goa, na Índia. Em janeiro de 1547 assumiu a vigararia geral e o cargo de Provisor daquela diocese, tendo em vista a avançada idade de seu diocesano, Dom Frei João de Albuquerque.

Juntamente com o futuro São Francisco Xavier, assistiu os momentos finais de vida do governador da Índia, Dom João de Castro, escrevendo as suas últimas vontades.

Em 6 de novembro de 1548 renunciou ao cargo de vigário-geral de Goa e, após algum tempo em Cochim, estado de Kerala, na Índia, retornou a Portugal.

Já contava mais de cinquenta anos de idade quando ingressou na Universidade de Coimbra, onde colou grau de bacharel em Teologia.

Através da citada Bula *SUPER SPECULA MILITANTIS ECCLESIAE*, do Papa Júlio III, foi nomeado bispo da Bahia, desembarcando na antiga capital do Brasil em 22 de junho de 1552.

Sua primeira providência foi escolher a igreja da Ajuda como Catedral provisória, até iniciar, algum tempo depois, a construção da nova Sé. Enquanto não dispunha de um Paço Episcopal, ficou residindo no colégio dos jesuítas, dirigido pelo Padre Manuel da Nóbrega. Era dotado de muitas virtudes e rígido no cumprimento do dever, o que motivou um atrito com alguns membros do seu clero, os quais tiveram o apoio de Álvaro Costa, filho do 2º. governador geral, Duarte da Costa.

Atendendo convocação do rei de Portugal, certamente para defender-se das acusações daquele fidalgo, Dom Pedro Fernandes Sardinha embarcou para Lisboa na nau Nossa Senhora da Ajuda. Lamentavelmente, a embarcação, que viajava próximo da costa brasileira, encalhou em um banco de areia tendo os seus passageiros desembarcado na praia, no litoral de Alagoas, onde foram trucidados pelos temíveis índios Caetés, inclusive o próprio bispo, derrubado a golpes de um pesado tacape.

A Igreja do Brasil perdia, assim, o seu primeiro Pastor, mas ganhava um mártir, para exemplo de nossa cristandade.

2º. Bispo - Dom Pedro Leitão (1559-1573)

Para sucessor de Dom Pedro Fernandes Sardinha, o Papa Paulo IV, através da Bula *GRATIAE DIVINAE PROEMIUM*, datada de 23 de março de 1558, nomeou Dom Pedro Leitão, membro do clero secular, que chegou à Bahia no dia 4 de dezembro de 1559, tomando posse em 9 do dito mês.

Amigo dos jesuítas e do próprio 3º. governador geral, Mem de Sá, seu primeiro trabalho foi a catequese dos índigenas, pensando talvez na maneira bárbara como foi sacrificado seu antecessor.

No início de 1566 conferiu a ordenação sacerdotal a José de Anchieta, que se imortalizaria como o “Apóstolo do Brasil”. Em companhia do governador geral, Mem de Sá, visitou a então Capitania do Rio de Janeiro, onde criou a Paróquia de São Sebastião e posteriormente esteve na Capitania de São Vicente.

Realizou o 1º. Sínodo brasileiro, com participação de seu clero, e veio a falecer em 1573, sendo sepultado na capela de Nossa Senhora do Amparo, primitiva igreja da Sé, sendo os seus restos mortais posteriormente trasladados para Lisboa.

3º. Bispo - Dom Antônio Barreiros (1576-1600)

Dom Antônio Barreiros era cisterciense e Prior da Ordem de Aviz quando foi nomeado Bispo da Bahia, em 20 de julho de 1575 pelo Papa Gregório XIII, tendo assumido o governo da diocese no ano seguinte.

Logo no início de seu episcopado, o mesmo Pontífice, através de Breve de 1º. de julho de 1576, criou a Prelazia do Rio de Janeiro, cujo território foi desmembrado do bispado da Bahia, e nomeou seu primeiro Prelado, o Padre Bartolomeu Simões Pereira.

Foi um grande orador sacro e durante o seu longo episcopado participou por duas vezes da Junta de Governo onde prestou relevantes serviços a nossa Pátria, como a criação da capitania de Sergipe e a vinda, para a sua diocese, dos Padres Carmelitas, dos Beneditinos e dos Franciscanos. Visitou pastoralmente a capitania de Pernambuco, fundando ali um convento dos Franciscanos.

Era muito benquisto por seus diocesanos e faleceu no dia 8 de maio de 1600, sendo sepultado na capela-mor da primitiva igreja dos jesuítas junto ao seu colégio.

4º. Bispo - Dom Constantino Barradas (1601-1618)

Membro do clero secular, era professor de Teologia na Universidade de Coimbra, quando teve, em 1600, a sua nomeação pelo Papa Clemente VIII para bispo da Bahia.

Assumiu por procuração o governo da diocese em 1601 e durante o seu episcopado foi criada, em 1614, a Prelazia de Pernambuco, cuja administração coube ao Padre Antônio Teixeira Cabral. Fundou as paróquias de Sergipe, Boipeba e Cairu, aumentando, assim, para dezoito as freguesias existentes em sua diocese.

Apesar de ser um Pastor zeloso e culto, sofreu perseguições das autoridades civis que o consideravam muito condescendente com os cristãos-novos (judeus convertidos).

Sentindo-se cansado e enfermo, renunciou ao governo da diocese e faleceu no dia 1º. de novembro de 1618, tendo sepultura na capela-mor do convento de São Francisco.

5º. Bispo - Dom Marcos Teixeira (1622-1624)

Figura destacada do clero português, tinha doutorado em Direito Civil e Canônico pela Universidade de Coimbra, da qual era professor, e foi posteriormente Cônego Magistral de Évora, deputado do Santo Ofício Inquisidor, também nessa cidade.

Nomeado bispo da Bahia em 25 de outubro de 1621, pelo Papa Gregório XV, desembarcou em Salvador em 6 de dezembro de 1622, tomando posse solenemente no dia 8 daquele mesmo mês. Em 1623 fundou na capital baiana a Paróquia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, aliás a única criada em seu efêmero episcopado.

Destacou-se quando da invasão holandesa, enfrentando tenazmente o inimigo, o que lhe valeu o título de "Bispo-Soldado".

O seu falecimento prematuro, em 8 de outubro de 1624, aos 47 anos de idade, consternou o povo baiano.

O famoso orador sacro, Padre Antônio Vieira, seu contemporâneo e amigo, afirmou que "mais os castigava Deus com a morte do Prelado, que com a tomada da cidade pelos holandeses", expressando com estas palavras o sentimento dos diocesanos.

Dom Marcos Teixeira teve sepultura na capela de Nossa Senhora da Conceição de Itapagipe de Cima, que ele mesmo havia edificado.

6º. Bispo - Dom Miguel Pereira (1628-1630)

Era Prelado de Tomar, Portugal, quando foi eleito bispo da Bahia em 1627 pelo Papa Urbano VIII, tendo tomado posse por procuração no dia 19 de julho de 1628.

Preparava-se, em Lisboa, para vir assumir pessoalmente o cargo, quando faleceu inesperadamente em 16 de agosto de 1630.

7º. Bispo - Dom Pedro da Silva Sampaio (1634-1649)

Membro do clero secular, era Deão da Sé de Leiria e, também, do Conselho Geral da Inquisição, quando foi nomeado bispo da Bahia, onde desembarcou no dia 19 de maio de 1634.

Sua primeira providência foi fazer uma campanha para restaurar a Catedral, que se achava em péssimo estado de conservação. Reagiu bravamente quando da segunda tentativa de invasão holandesa, visitando as trincheiras em batalha e imprimindo coragem aos seus soldados e ao povo baiano.

Estabeleceu, de comum acordo com a Câmara, uma comemoração anual em ação de graças pela vitória alcançada sobre os holandeses, fato este ocorrido em 18 de maio de 1638.

Faleceu este grande bispo na madrugada de 15 de abril de 1649, sendo sepultado na capela-mor da Sé. Mais tarde, seus restos mortais foram exumados e remetidos para Lisboa, no galeão "Santa Margarida", mas esta embarcação naufragou na costa africana, nas proximidades dos Açores.

8º. Bispo - Dom Estevam dos Santos (1672)

Depois de um longo período de Sede Vacante, o Pontífice Clemente X nomeou o agostiniano Dom Estevam dos Santos bispo da Bahia, tendo ele chegado a Salvador no dia 15 de abril de 1672.

Seu episcopado foi de apenas dois meses e um dia, pois faleceu repentinamente em 6 de julho daquele mesmo ano.

Dele sabemos apenas que assinou uma provisão permitindo a presença do Santíssimo Sacramento na capela da Santa Casa da Misericórdia, em Salvador.

Teve sepultura na antiga Catedral da Sé.

1º. Arcebispo - Dom Gaspar Barata de Mendonça (1677-1682)

Em 16 de novembro de 1676 o então Pontífice Inocêncio II, através da Bula *INTER PASTORALIS OFFICII CURAS*, criou as dioceses de Pernambuco e do Rio de Janeiro, e promoveu à categoria de Arcebispado o Sólio baiano, ficando as duas novas sedes episcopais como suas sufragâneas.

Para dirigir a nova arquidiocese foi nomeado Dom Gaspar Barata de Mendonça, antigo pároco na diocese do Porto, tendo tomado posse por procuração em 3 de junho de 1677. Por falta de saúde nunca veio assumir o cargo, preferindo nomear, em 30 de novembro de 1677, uma Relação Eclesiástica, composta de três membros que administravam a Igreja baiana em seu nome.

Mesmo assim, criou várias paróquias e enviou, de Évora, as primeiras religiosas, que fundaram o Convento de Santa Clara.

Renunciou em 1682 e faleceu no dia 11 de dezembro de 1686.

2º. Arcebispo - Dom Frei João da Madre de Deus Araújo (1682-1686)

Membro da Ordem Franciscana, dotado de excelsas virtudes e grande orador sacro, Dom Frei João da Madre de Deus Araújo era também pregador dos reis de Portugal, Dom João IV, Dom Afonso VI e Dom Pedro II.

Nomeado arcebispo da Bahia, teve a sua sagração episcopal no dia 13 de setembro de 1682, desembarcando em Salvador em 20 de maio do ano seguinte.

Desconhecemos as suas atividades na chefia de sua Igreja, sabendo, porém, que era dotado de espírito de bondade que conquistou os baianos, os quais choraram inconsoláveis quando de sua morte, ocorrida em 13 de junho de 1686.

3º. Arcebispo - Dom Frei Manuel da Ressurreição (1688-1691)

Era doutor em Letras e Cânones pela Universidade de Coimbra, membro do Colegiado de São Pedro e Cônego Doutoral de Lamego.

Renunciou a todos estes títulos para tornar-se missionário franciscano. Nomeado arcebispo da Bahia, ali chegou em 13 de maio de 1688.

Estabeleceu o patrocínio de São Francisco Xavier sobre a cidade de Salvador, designando o dia 10 de maio de cada ano para comemoração da festa deste grande santo da Igreja católica.

Exerceu interinamente, por quase dois anos, o governo da Bahia, pacificando os seus soldados amotinados por falta do pagamento de seus soldos. Levava vida de eremita, entregue a orações e penitências, e seu palácio mais parecia um convento, tal a austeridade em que vivia.

Faleceu no dia 16 de janeiro de 1691 e foi sepultado na igreja do Seminário de Belém, administrado pelos padres jesuítas.

4º. Arcebispo - Dom João Franco de Oliveira (1691-1700)

Quando sacerdote do clero secular, foi Desembargador Eclesiástico e Promotor Deputado do Santo Ofício em Coimbra.

Nomeado bispo de Angola, no continente africano, ali permaneceu por quatro anos quando foi promovido para o Arcebispado da Bahia, onde chegou no dia 5 de dezembro de 1692.

Teve destacada atividade pastoral e foi o primeiro Pastor a visitar toda a região do rio São Francisco, onde pregou, batizou e crismou cerca de quarenta mil pessoas.

Criou, dentre outras, as Paróquias de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira e a de São Gonçalo dos Campos, sendo posteriormente transferido para o bispado de Miranda, em Portugal, para onde viajou no dia 28 de agosto de 1700.

5º. Arcebispo - Dom Sebastião Monteiro da Vide (1702-1722)

Era doutor em Direito Civil e Canônico pela Universidade de Coimbra, onde estudou durante oito anos. Foi pároco de São Mamede e de Santa Marina em Lisboa, sendo ainda Fiscal da Cúria Arquidiocesana.

Promovido a Vigário-Geral de Setubal e depois de Lisboa, teve a sua nomeação para arcebispo da Bahia confirmada pelo Papa Clemente XI em 8 de agosto de 1701.

Sagrado bispo em Lisboa no dia 21 de dezembro daquele mesmo ano, partiu para o Brasil, chegando a Salvador no dia 25 de maio de 1702.

Era conhecido como um dos maiores canonistas em sua época, tendo realizado em 1702 o 1º. Sínodo Diocesano do Brasil, quando foram promulgadas as "Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia", documento este que teve grande repercussão àquele tempo, sendo adotado pelas dioceses do Brasil e de Portugal, onde vigorou por mais de dois séculos.

Visitando certo dia a famosa biblioteca particular de nosso presidente, José Augusto Bezerra, surpreendeu-me verazmente encontrar, entre os seus valiosos livros, um exemplar de tão importante obra, com mais de três séculos de existência e em ótimo estado de conservação.

Dom Sebastião foi um Pastor dinâmico e durante seu episcopado realizou longas visitas pastorais em sua vastíssima arquidiocese, fundando mais de vinte paróquias, tendo oficializado os Estatutos do Cabido da Bahia e imprimindo um novo catecismo, que foi espalhado em todo o Brasil.

Faleceu no dia 7 de setembro de 1722, sendo sepultado primeiramente na antiga Sé e posteriormente na atual catedral da Bahia.

6º. Arcebispo - Dom Luís Álvares de Figueiredo (1725-1735)

Membro do clero secular, era bispo coadjutor e vigário geral de Braga, em Portugal, quando teve a sua nomeação para o arcebispado da Bahia, tomando posse no cargo em 26 de novembro de 1725.

Reconstruiu a sua catedral, obtendo para isto uma ajuda financeira do rei de Portugal, que doou, também, um órgão e um relógio. Visitou pastoralmente a sua arquidiocese, onde sempre se revelou um Pastor bondoso e comunicativo com seus fiéis.

Faleceu em Salvador no dia 28 de agosto de 1735, sendo sepultado na antiga Sé e, mais tarde, trasladado para a nova catedral.

7º. Arcebispo - Dom Frei José Fialho (1739)

Membro da Ordem Cisterciense, doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra, Dom Frei José Fialho era ainda professor de Filosofia no Convento de São Pedro das Águias, quando teve sua designação para bispo de Olinda, em Pernambuco, onde permaneceu de 1725 a 1738.

Promovido para arcebispo da Bahia, tomou posse no dia 5 de fevereiro de 1739, ali ficando apenas até o dia 31 de outubro do dito ano, quando teve a sua transferência para a diocese de Guarda, em Portugal, com o título de arcebispo-bispo daquele bispado.

Viajando para Portugal a fim de assumir o governo de sua nova diocese, chegou a Lisboa em 2 de fevereiro de 1740. Tomou posse por procuração no dia 16 de fevereiro de 1741, mas foi acometido de uma pneumonia, e faleceu em 18 de março desse mesmo ano.

Assim, ele foi o 5º. bispo de Pernambuco, o 7º. arcebispo da Bahia e o 51º. bispo de Guarda, Portugal.

8º. Arcebispo - Dom José Botelho de Matos (1741-1760)

Sucedeu a Dom Frei José Fialho no arcebispado da Bahia, tendo chegado a Salvador no dia 3 de maio de 1741 e assumido o cargo em 14 desse mesmo mês e ano.

Durante o seu episcopado estabeleceram-se em Salvador as primeiras religiosas do Convento de Nossa Senhora das Mercês; criou também mais de dezoito paróquias na Bahia. Enfrentou com altivez a prepotência do Marquês de Pombal quando da expulsão dos jesuítas do Brasil e, segundo ele, "preferiu antes cair na desgraça dos poderosos do momento, do que trair a causa da justiça e da verdade".

Contando mais de 80 anos de idade, renunciou este grande Pastor à chefia da Igreja baiana, recolhendo-se para um sítio em Penha, onde viveu santamente os seus últimos anos de vida e faleceu em 22 de novembro de 1767, sendo sepultado na capela-mor de sua igreja matriz.

9º. Arcebispo - Dom Frei Manuel de Santa Inês (1762-1771)

Dele sabemos que era Carmelita Descalço e foi nomeado bispo de Angola, no continente africano, no dia 15 de dezembro de 1745. tendo ali permanecido até o ano de 1762, quando teve a sua transferência para a Bahia como seu 9º. Arcebispo.

Assumiu a chefia da Igreja baiana em 29 de julho de 1762, primeiramente como Vigário Capitular e, depois, como Arcebispo, através de procuração concedida no dia 19 de dezembro de 1770 ao Padre Dr. Gonçalo de Souza Falcão.

Governou civilmente a Bahia no período de 1º. de agosto de 1762 a 25 de março de 1766, integrando Junta Governativa; durante o seu episcopado a capital do Brasil foi transferida, em 1763, para o Rio de Janeiro.

Inaugurou em 14 de novembro de 1765 a nova igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição da Praia e lançou a pedra fundamental para a construção do Seminário da Bahia, contando, para isso, com o apoio e a colaboração do famoso missionário jesuíta Padre Gabriel Malagrida.

Faleceu no dia 22 de junho de 1771, sendo sepultado na capela-mor do Convento de Santa Tereza.

10º. Arcebispo - Dom Joaquim Borges de Figueroa (1773-1780)

Membro do clero secular, era Doutor em Direito Civil e Canônico e teve a sua nomeação em 17 de janeiro de 1771 para bispo de Mariana, em Minas Gerais. Assumiu por procuração o governo de sua diocese, em 3 de fevereiro de 1773, mas nunca foi pessoalmente assumir o cargo.

Designado para arcebispo da Bahia por Carta Régia de 3 de abril de 1772 e confirmado pela Bula papal de 8 de março de 1773, tomou posse solenemente do cargo em 24 de dezembro de 1773.

Durante seu episcopado ocupou o governo da Bahia, interinamente, em duas oportunidades. Teve um relacionamento muito difícil com o seu clero, o qual, apoiado pelo Cabido, não amparava suas diretrizes.

Amargurado com estes lamentáveis acontecimentos, renunciou ao cargo, retirando-se para Portugal, onde veio a falecer no dia 25 de setembro de 1788, sendo sepultado na igreja de Nossa Senhora do Carmo.

11º. Arcebispo - Dom Frei Antônio Correia (1781-1802)

Eremita da Ordem de Santo Agostinho, era Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra.

Nomeado arcebispo da Bahia em 16 de agosto de 1779, teve a sua sagração episcopal no dia 9 de abril de 1780, chegando a Salvador em 24 de dezembro de 1781.

Pastor dinâmico, criou durante o seu profícuo episcopado as paróquias de Monte Santo (1782), Xique-xique (1785), Nossa Senhora da Purificação de Nazaré (1785), Sant'Ana do Catu (1787), Santíssimo Coração de Jesus (1800), Santíssimo Coração de Jesus de Valença (1801) e Nossa Senhora das Dores (1802). Contando com a colaboração dos Frades Capuchinhos, promoveu missões em sua vasta arquidiocese e dirigiu civilmente os destinos da Bahia, quando da ausência de seus governantes.

Com a avançada idade de oitenta anos, faleceu no dia 12 de julho de 1802, sendo sepultado primeiramente junto ao altar do Sagrado Coração de Jesus, na antiga Sé, e posteriormente trasladado para a cripta da atual catedral.

12º. Arcebispo - Dom Frei José de Santa Escolástica (1805-1814)

Membro da ordem benedinita, era detentor de diversos títulos: Doutor em Teologia pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Ofício, Pregador da Real Capela de Bemposta, Revisor da Inquisição para censura de livros, Cronista de sua congregação e Secretário do Abade do Mosteiro de São Bento da Saúde.

Nomeado pelo Príncipe Regente Dom João VI para bispo de Pernambuco, foi posteriormente promovido para arcebispo da Bahia em 25 de outubro de 1803 e confirmado pelo Papa Pio VII em 26 de março do ano seguinte.

Sua sagração episcopal realizou-se no Mosteiro de São Bento, onde residia, no dia 17 de junho de 1804 e desembarcou em Salvador em 11 de junho de 1805. Tomou posse solenemente do cargo em 17 de junho de 1805, quando completava um ano de sua investidura episcopal.

Muito incentivou as missões em sua arquidiocese. Com a morte do Conde da Ponte, em 1809, governou a Bahia até a designação de seu sucessor.

Veio a falecer no dia 3 de janeiro de 1814, tendo sepultura diante do altar do Senhor dos Passos, no Mosteiro de São Bento, em Salvador.

13º. Arcebispo - Dom Francisco de São Dâmaso de Abreu Vieira (1814-1816)

Era franciscano e foi primeiramente bispo de Malaca, na Índia, quando teve a sua promoção, em 13 de maio de 1814, para o arcebispado da Bahia. Foi o primeiro pastor a usar o título de arcebispo primaz, posteriormente adotado por todos os seus sucessores até nossos dias.

Restaurou o antigo seminário, reinaugurado em 15 de agosto de 1815, do qual foi primeiro reitor o também franciscano Frei Domingos das Dores. Promoveu solenes exéquias quando do passamento da rainha D. Maria I, com a participação do clero secular e religioso.

Faleceu prematuramente, aos 46 anos de idade, em 18 de novembro de 1816, sendo sepultado na capela-mor da antiga Sé e depois seus restos mortais foram transferidos para a nova catedral.

14º. Arcebispo - Dom Frei Vicente da Soledade Dias de Castro (1821-1823)

Doutor em Teologia pela Universidade de Paris e Abade do Mosteiro de São Bento existente nessa mesma cidade, foi nomeado pelo rei Dom João VI para arcebispo da Bahia em 3 de maio de 1819, tendo a confirmação papal no dia 28 de agosto de 1820.

Sua sagração episcopal ocorreu no dia 22 de novembro desse mesmo ano e assumiu o cargo, por procuração, em 4 de agosto de 1821.

Eleito deputado pela Corte Constituinte de Portugal, foi seu presidente repetidas vezes, jamais vindo assumir pessoalmente o cargo de arcebispo da Bahia.

Faleceu repentinamente no dia 31 de março de 1823.

15º. Arcebispo - Dom Romualdo Antônio de Seixas (1828-1860)

Foi o primeiro brasileiro a ocupar a mitra da Bahia, sendo natural de Cametá, no Pará, cidade que já deu três bispos para o episcopado brasileiro; os outros dois foram: seu tio, Dom Romualdo de Sousa Coelho, que foi o 8º. Bispo do Pará, e Dom Milton Correia Pereira, que conheci em Belém, como Reitor de seu Seminário, depois vigário-geral, bispo auxiliar de Belém, removido como titular da diocese de Garanhuns, Pernambuco, e promovido para arcebispo de Manaus, Amazonas, onde faleceu no exercício do cargo.

Dom Romualdo estudou nos seminários de Belém e Lisboa e contava apenas 22 anos de idade quando teve o título de Cônego do Cabido do Pará.

Deputado pelas províncias do Pará e Bahia, teve destacada atuação junto à Assembleia Constituinte na defesa dos direitos da Igreja, combatendo tenazmente o projeto do antigo regente do Império, Padre Diogo Antônio Feijó, que abolia o celibato do clero e proibia a vinda de padres estrangeiros para o Brasil.

Nomeado em 12 de outubro de 1826 por Decreto Real para o arcebispado da Bahia, teve a sua designação confirmada pelo Papa Leão XII, através da Bula de 30 de maio de 1827.

Preocupou-se com a formação de seu clero, fundando um novo seminário cuja direção entregou aos padres lazaristas. Mereceu receber do governo imperial o título de Conde e Marquês de Santa Cruz, e escreveu sete volumes documentando todas as suas atividades, quer como arcebispo, quer como parlamentar.

Espírito caritativo, atendia a todos que batiam à sua generosa porta, e faleceu pobre em 29 de dezembro de 1860, no Palácio da Penha, aos 73 anos de idade, e foi sepultado na capela do Santíssimo Sacramento da atual catedral de Salvador.

16º. Arcebispo - Dom Manoel Joaquim da Silveira (1861-1874)

Era membro do clero secular do Rio de Janeiro e foi nomeado primeiramente para bispo do Maranhão, ali desembarcando no dia 9 de abril de 1852. Abnegado pastor, visitou pastoralmente, repetidas vezes, as paróquias de sua vasta diocese e reformou o velho e secular seminário construído com a colaboração do missionário jesuíta, Padre Gabriel Malagrida.

Removido para o arcebispado da Bahia, assumiu o honroso cargo em 1º. de julho de 1861, através de procuração concedida ao Deão do Cabido da Sé, Cônego Miguel Antônio Ferreira. A sua posse solene ocorreu no dia 29 de junho do ano seguinte, quando recebeu o Pálio das mãos de Dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará e seu futuro sucessor na mitra da Bahia.

Teve destacada atuação na defesa dos bispos Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira e Dom Antônio de Macedo Costa, quando da Questão Religiosa, e os visitou a bordo do navio que os conduzia para a prisão no Rio de Janeiro.

Era muito estimado na Bahia, e quando faleceu, no dia 23 de junho de 1876, véspera de São João, os baianos cancelaram as suas tradicionais festas joaninas em sinal de luto pela morte de seu benquisto Pastor. Foi sepultado na capela do Santíssimo Sacramento, na catedral, ao lado de seu ilustre antecessor, Dom Romualdo Antônio de Seixas, a quem muito admirava.

17º. Arcebispo - Dom Joaquim Gonçalves de Azevedo (1877-1879)

Paraense e membro do clero secular, estudou no velho seminário de Belém, tendo sido ordenado sacerdote em dezembro de 1837 e destinado para servir na província do Amazonas, que era subordinada ao bispado do Pará. Retornando a Belém, foi nomeado reitor do seminário e vigário geral daquela diocese.

Designado bispo de Goiás, teve a sua sagração episcopal realizada na catedral de Nossa Senhora de Belém, no dia 1º. de janeiro de 1866, oficiada por Dom Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará, e figurando com co-sagrantes Dom Luís Antônio dos Santos, bispo do

Ceará, e Dom Manuel do Rego Medeiros, bispo de Pernambuco e cearense de Aracati.

Por coincidência, Dom Luís Antônio dos Santos e Dom Antônio de Macedo Costa, seriam os sucessores de Dom Joaquim Gonçalves quando de seu efêmero episcopado baiano, de 7 de maio de 1877 a 6 de novembro de 1879, data de seu falecimento.

Foi sepultado diante do altar de São Pedro, na Catedral de Salvador.

18º. Arcebispo - Dom Luís Antônio dos Santos (1881-1890)

Membro do clero secular do Rio de Janeiro e nascido em Angra dos Reis, exerceu diversas atividades em Mariana, Minas Gerais, onde então figurava como bispo diocesano o santo Dom Antônio Ferreira Viçoso, que fora seu reitor antes de elevado ao episcopado.

Ali, foi professor de Teologia e depois reitor do seminário (1843), cônego da catedral (1846), e posteriormente doutor em Direito Canônico, em Roma (1848-1850).

Em 31 de janeiro de 1859 foi nomeado 1º. bispo do Ceará, assumindo o cargo no dia 26 de setembro de 1861, tendo governado a Igreja cearense durante dezoito anos, deixando a mais pura tradição apostólica, tendo ordenado 208 sacerdotes em seu profícuo episcopado.

Designado arcebispo da Bahia em 15 de novembro de 1879, recusou esta honraria, mas o Papa Leão XIII, através de Bula datada de 13 de maio de 1881, confirmou a indicação imperial.

Tomou posse do cargo em 20 de outubro de 1881, através de procuração concedida ao monsenhor Manoel dos Santos Pereira. Escreveu mais de dez Cartas Pastorais, reformou o Plano de Estudos no Seminário e também o calendário arquidiocesano.

Amigo do seu clero, fundou um abrigo para os padres idosos, e alertou as autoridades civis contra as pregações de Antônio Conselheiro, em Canudos.

Hemiplégico, renunciou à chefia da Igreja baiana, retirando-se para o Palácio da Penha, onde faleceu no dia 11 de março de 1891.

Quando da realização da XXII Convenção da Família Saraiva Leão, em maio de 2008, na cidade de Salvador, fiz questão de visitar, na catedral daquela cidade, a sepultura desse grande Pastor, que tanto honrou o Ceará como seu 1º. bispo diocesano.

19º. Arcebispo - Dom Antônio de Macedo Costa (1890-1891)

Foi a maior figura da Igreja no Brasil, no episcopado imperial, e, até hoje, o único baiano a ocupar a mitra desse estado.

Estudou nos seminários franceses de São Celestino, em Bourges, e de São Sulpício, em Paris, onde, com seu profundo saber, destacou-se dentre os demais colegas e foi mais tarde considerado pelo reitor como um dos três maiores valores passados naquela casa de formação religiosa.

No dia 19 de dezembro de 1857, o seu grande sonho tornou-se realidade com a sua ordenação sacerdotal oficiada pelo arcebispo de Paris, cardeal Nicolau Marlot. Não retornou, porém, ao Brasil, mas se dirigiu à Cidade Eterna, matriculando-se no Liceu Pontifício Santo Apolinário, conquistando ali o título de *DOUTOR IN UTROQUE JURE*.

Voltando ao Brasil, desembarcou em Salvador no dia 1º. de novembro de 1859, recebido festivamente por seus familiares e amigos, tendo à frente o arcebispo Dom Romualdo que muito o estimava e admirava.

Contava pouco mais de 29 anos de idade quando em 21 de março de 1860 teve o seu nome apresentado pelo Imperador Pedro II para bispo do Pará, prontamente confirmado pelo Papa Pio IX, em dezembro daquele mesmo ano.

A sua imensa diocese compreendia as então Províncias do Pará e Amazonas e o Norte de Goiás, praticamente metade do território nacional, onde este abnegado Pastor foi um verdadeiro missionário em sua evangelização, durante os trinta anos em que ocupou a mitra paraense.

Grande orador sacro e escritor primoroso, publicou: Compêndio de Civilidade Cristã, História Bíblica, Catecismo da Diocese do Pará, Direito Contra Direito e outros diversos trabalhos.

Intransigente e incansável defensor dos direitos da Igreja, solidarizou-se com Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira, quando da Questão Religiosa, sendo processado e preso na Ilha das Cobras, juntamente com o seu colega, bispo de Pernambuco, sendo mais tarde anistiado no Gabinete do Duque de Caxias.

Com o advento da República, foi promovido, em 31 de agosto de 1890, para o arcebispado da Bahia, recebendo o Pálio das mãos de Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, bispo de São Paulo e cearense de Russas.

Tomou posse na chefia da Igreja baiana em 18 de setembro seguinte, por procuração concedida a Dom Manoel dos Santos Pereira. Encontrando-se enfermo, não assumiu logo o cargo, indo repousar na cidade de Barbacena, Minas Gerais, ali falecendo no dia 21 de março de 1891, sendo o seu corpo trasladado para Salvador e sepultado na capela do Santíssimo Sacramento, de sua catedral.

20º. Arcebispo - Dom Jerônimo Thomé da Silva (1894-1924)

Cearense de Sobral, onde nasceu no dia 12 de junho de 1849, estudou Filosofia e Teologia na Universidade Gregoriana, em Roma, e foi, também, aluno do Colégio Pio Latino, na Cidade Eterna.

Ordenado sacerdote em 21 de novembro de 1872, retornou ao Ceará, sendo nomeado por Dom Luís Antônio dos Santos, professor de Filosofia no Seminário da Prainha e, posteriormente, secretário do bispado cearense.

Um de seus irmãos foi o engenheiro João Thomé de Saboya e Silva, que foi presidente do Ceará no quatriênio de 1916 a 1920.

Atendendo convite de Dom Frei Vital, bispo de Pernambuco, transferiu-se para Recife, ali fundando o jornal católico *Aurora*, que prestou grandes serviços à causa da Igreja. Exerceu também destacadas funções como professor de Italiano e de Retórica no Ginásio Pernambucano, Promotor Eclesiástico do bispado (1877), Capelão do Asilo de Mendicidade (1879/1880) e Vigário Capitular quando aquela diocese tornou-se Sede Vacante.

Nomeado bispo do Pará em 26 de junho de 1890, foi sagrado em Roma, juntamente com Dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti, futuro cardeal-arcebispo do Rio de Janeiro. Governou por apenas dois anos, pois em 12 de setembro de 1893 era designado arcebispo da Bahia, onde tomou posse solenemente no dia 27 de fevereiro do ano seguinte.

Interessante coincidência: Dom Jerônimo sucedeu a Dom Antônio de Macedo Costa em ambas as capitais.

Em 1899 participou em Roma do Concílio Plenário Latino-Americano e, por ser o arcebispo primaz do Brasil, coube-lhe a honra de pontificar a sessão inaugural e fazer a saudação ao Papa Leão XIII, o que fez em fluente Latim, muito elogiado, depois, pelos demais bispos presentes.

Fundou em Salvador a Obra das Vocações Sacerdotais, defendeu o direito de propriedade do Palácio Arquiepiscopal e organizou o patrimônio daquele arcebispado.

Por sua iniciativa foram criadas as dioceses baianas de Caetité (1914), Ilhéus e Barra (ambas em 1915), e a de Aracaju, em Sergipe.

Conseguiu que o governo republicano promovesse à categoria de Embaixada, a representação brasileira junto à Santa Sé.

Teria sido o primeiro cardeal brasileiro, que por direito lhe cabia, como arcebispo primaz do Brasil, quando do Consistório convocado pelo Papa Pio X, em 11 de dezembro de 1905, honraria esta que declinou em favor de seu colega Dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti, arcebispo do Rio de Janeiro.

Depois de longo e profícuo episcopado de trinta anos, veio a falecer no dia 19 de fevereiro de 1924, tendo sepultura na Catedral de Salvador.

21º. Arcebispo - Dom Augusto Álvaro da Silva (1925-1968)

Era natural de Pernambuco, tendo nascido em Recife no dia 8 de abril de 1875 e, ingressando no seminário de Olinda, ordenou-se sacerdote em 5 de março de 1899, sendo então designado vigário da paróquia de São Pedro, nessa cidade.

Foi, posteriormente, diretor espiritual do seminário (1900), vigário de São José (1906) e nomeado monsenhor, camareiro secreto do Papa X, em 1908.

Com a criação da nova diocese de Floresta, foi nomeado seu primeiro pastor em 11 de maio de 1911, sendo sagrado por Dom Luís Raimundo da Silva Brito na catedral de Olinda.

Durante os quatro anos em que permaneceu naquele bispado, fundou o seminário, o colégio e o jornal diocesanos, além de escola noturna para estudantes carentes.

Transferido para a diocese de Barra, em 25 de junho de 1916, foi promovido, nove anos depois, para o arcebispado da Bahia, tomando posse solenemente no cargo no dia 21 de maio de 1925.

Durante o seu longo episcopado, de mais de quarenta e três anos, muito realizaou pela Igreja baiana, como o 1º. Congresso Eucarístico Nacional, 2º. Sínodo Diocesano, 1º. Congresso Nacional das Vocações

Sacerdotais, construção de um novo seminário, o Museu de Arte Sacra, a Universidade Católica de Salvador e a crição de várias paróquias.

Em 12 de janeiro de 1953 foi nomeado pelo Papa Pio XII membro do Sacro Colégio dos Cardeais, ficando assim a Arquidiocese de Salvador como 3ª. sede cardinalícia do Brasil.

Teve como bispo auxiliar e depois administrador apostólico Sede Plena Dom Eugênio de Araújo Sales, que o substituiu quando de seu falecimento ocorrido no dia 14 de agosto de 1968, sendo sepultado na capela do Senhor Santo Cristo na catedral de Salvador.

22º. Arcebispo - Dom Eugênio de Araújo Sales (1968-1971)

Membro do clero secular, é natural de Acari, no Rio Grande do Norte, onde nasceu no dia 8 de novembro de 1920.

Estudou no seminário da Prainha, em nossa capital, mas recebeu a sua ordenação em Natal, a cuja arquidiocese pertencia, em 21 de novembro de 1943. Após onze anos de sacerdócio, foi nomeado bispo auxiliar e, posteriormente, administrador apóstólico daquela arquidiocese, função exercida com muita dedicação e operosidade.

Transferido em 6 de julho de 1964 para administrador apostólico Sede Plena da Arquidiocese de Salvador, tomou posse do cargo no dia 30 de agosto de 1964. Com o falecimento do cardeal Augusto Álvaro da Silva, assumiu o Sólio baiano em 21 de novembro de 1968, ou seja, no mesmo dia em que completava suas Bodas de Prata de sacerdócio.

No ano seguinte, juntamente com o então arcebispo de Porto Alegre, Dom Alfredo Vicente Scherer, passou a fazer parte do Sacro Colégio dos Cardeais e recebeu, no dia 30 de abril de 1969, das mãos do Papa Paulo VI, o Pálio, símbolo de sua autoridade arquiepiscopal.

Durante a sua chefia na Igreja baiana, organizou nos anos de 1969 e 1970 os Planos de Pastoral em Conjunto, em consonância com o Concílio Vaticano II, e tendo em vista as transformações do mundo hodierno.

Criou em Itaparica um curso para candidatos ao diaconato, iniciando uma experiência pioneira no Brasil, segundo afirmou o Padre José Martins em seu trabalho *Diaconato – Experiência de Base.*

Falecendo, em 1973, o cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, foi nomeado seu sucessor na arquidiocese do Rio de Janeiro, onde pontificou durante trinta anos, mui realizando em favor do povo de Deus.

Renunciou ao cargo após ter atingido a idade limite, mas continua residindo na antiga capital da República, devendo completar noventa anos de profícua existência no dia 8 de novembro deste ano de 2010.

23º. Arcebispo - Dom Avelar Vilela Brandão (1971-1986)

Mineiro de Viçosa, onde nasceu em 13 de junho de 1912, Dom Avelar foi designado sucessor do cardeal Dom Eugênio Sales na Sede Primacial da Bahia.

Quando simples sacerdote, esteve em Fortaleza secretariando o então bispo de Garanhuns, Dom Mário Miranda Vilas Boas, que viera pregar a Páscoa da Mocidade. Durante sua permanência em nossa capital, tornou-se amigo do Padre Francisco Evaristo de Melo, secretário particular do então arcebispo Dom Antônio de Almeida Lustosa, tendo o dito sacerdote vaticinado: “O Padre Avelar acabará se tornando bispo, pois tem todas as credenciais para esta função”.

Não se enganaria o Padre Evaristo, porque no dia 13 de junho de 1946, a Santa Sé, sábia em suas decisões, nomeava o Padre Avelar Vilela Brandão bispo de Petrolina, em Pernambuco. Depois de quase dez anos de incessantes atividades pastorais naquela diocese pernambucana, foi promovido para o arcebispado de Teresina, no Piauí, onde tomou posse solenemente no dia 5 de maio de 1955.

Ali fundou a Faculdade Católica de Filosofia, a Rádio Pioneira de Teresina, a Ação Social da Arquidiocese, além de criar diversas paróquias e escolas de alfabetização.

Em 1971, o Papa Paulo VI o transferiu para a Sede Primacial da Bahia e, no primeiro Consistório realizado, o promoveu ao cardinalato.

No seu profícuo episcopado, criou inúmeras paróquias, visitando pessoalmente as suas comunidades, onde levava a Palavra de Deus para todos.

Exerceu várias funções extrapastorais, como a presidência do CELAM – Conselho Episcopal Latino-Americano, a vice-presidência da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e seu representante em quatro Sínodos Eclesiais, realizados em Roma.

Veio a falecer no dia 19 de dezembro de 1986, tendo sepultura na catedral de Salvador

24º. Arcebispo - Dom Lucas Moreira Neves (1987-1998)

Natural de São João del Rei, Minas Gerais, nasceu no dia 16 de setembro de 1925, cursando o primário e o ginasial em sua própria cidade natal durante os anos de 1933 a 1938, quando ingressou no seminário menor de Mariana, ali permanecendo até 1943.

Resolvendo seguir a vida religiosa, foi admitido na Ordem dos Frades Pregadores, mais conhecida como Ordem dos Dominicanos em 6 de março de 1944, passando a chamar-se Frei Lucas, substituindo o seu nome primitivo, Luís Moreira Neves, com o qual fora batizado.

Teve a sua ordenação sacerdotal no dia 9 de julho de 1950, oficiada por Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, bispo de Uberaba, Minas Gerais, e exerceu, a seguir, o cargo de vice-mestre de noviços e assistente eclesiático da Juventude Estudantil Católica Arquidiocesana.

Radicando-se no Convento São Tomás de Aquino, no Rio de Janeiro, foi seu vice-prior e assistente eclesiástico da Juventude Universitária Católica Arquidiocesana.

No período de 1959 a 1965, esteve como vice-assistente nacional do Movimento Familiar Cristão e, depois, responsável pelo Departamento de Formação Religiosa da Conferência Nacional dos Religiosos do Brasil (1966/1967).

Nomeado em 9 junho de 1967 para bispo-auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, teve a sua sagração episcopal oficiada pelo arcebispo daquela capital, Dom Agnello Rossi, em 26 de agosto de 1967. Na capital paulista foi vigário episcopal para a Pastoral dos Meios de Comunicação Social.

Em 15 de outubro de 1979 deixa o Brasil para radicar-se em Roma, onde o aguardava a nomeação para Secretário da Congregação para os Bispos e, posteriormente, Secretário do Sacro Colégio dos Cardeais.

Retorna ao Brasil em 9 de julho de 1987 tendo em vista a sua nomeação para arcebispo primaz da Bahia, como sucessor do Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, falecido em 19 de dezembro de 1986.

No Consistório realizado en 28 de junho de 1988, Dom Lucas foi nomeado cardeal, juntamente com o cearense Dom José Freire Falcão, então arcebispo de Brasília.

Depois de dez anos na chefia da Igreja baiana, foi nomeado Prefeito da Congregação para os Bispos, na Cúria Romana, precisamente em 25 de junho de 1998, substituindo o cardeal africano, Dom Bernardim Gantim, e permanecendo nesse cargo até o dia 16 de setembro de 2000, quando atingiu a idade limite estabelecida pela Santa Sé.

Não mais voltou ao Brasil, ficando residindo em Roma até o seu falecimento, ocorrido em 8 de setembro de 2002. Após Missa de Corpo Presente na Basílica de São Pedro, seu corpo veio para o Brasil, primeiramente para sua cidade natal, onde recebeu verdadeira consagração póstuma, e depois para Salvador, em cuja catedral foi sepultado no dia 16 de setembro, por coincidência data de seu aniversário.

25º. Arcebispo - Dom Geraldo Majella Agnelo (1999-)

Mineiro, como seu ilustre antecessor, nasceu em Juiz de Fora no dia 19 de outubro de 1933 e teve sua ordenação sacerdotal em 29 de junho de 1957, em São Paulo, onde permaneceu por dez anos.

Em 1967 viajou para a Cidade Eterna onde se doutorou em Teologia e, três anos depois, retornou ao Brasil, sendo nomeado Coordenador da Pastoral da Arquidiocese de São Paulo.

Promovido às honras episcopais em 5 de maio de 1978, sendo sagrado bispo em 6 de agosto seguinte, nomeado para a diocese de Toledo, no Paraná. Cinco anos depois, em 1983, foi designado arcebispo de Londrina, no mesmo estado, ali fundou a Pastoral da Crisma e o Jornal da Comunidade.

Transferido para o Vaticano em 1991, assumiu o cargo de Secretário da Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos e, depois, membro da Pontifícia Comissão para a América Latina.

Nomeado arcebispo primaz da Bahia em 13 de janeiro de 1999, tomou posse solenemente do cargo em 11 de março desse mesmo ano.

Dois anos depois, ou seja, no dia 21 de fevereiro de 2001, foi eleito membro do Sacro Colégio dos Cardeais, tendo participado do Conclave realizado em 2005 que elegeu o atual Papa Bento XVI.

Foi presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil no período de 2000/2007. Tendo completado, em 19 de outubro de 2008, a idade limite para permanência no cargo de arcebispo primaz da Bahia, apresentou sua renúncia mas até o momento (meados de 2010) a Santa Sé não designou o seu sucessor.

Encerramos, assim, a descrição dos trinta e três Pastores (8 bispos e 25 arcebispos) que ocuparam a Mitra da Bahia no decurso dos quatrocentos e cinquenta e nove anos de sua existência, conforme já foi dito no início deste trabalho.

A Igreja na Bahia está hoje distribuída em três Províncias Eclesiásicas, a saber:

Província Eclesiástica de São Salvador da Bahia (1676) – Compreende a arquidiocese de São Salvador da Bahia, tendo como sufragâneos os bispados de Alagoinhas, Amargosa, Eunápolis, Ilhéus e Teixeira de Freitas.

Província Eclesiástica de Feira de Santana (2002) – Compreende a arquidiocese de Feira de Santana, tendo como sufragâneos os bispados de Barra, Barreiras, Bonfim, Irecê, Juazeiro, Paulo Afonso, Rui Barbosa e Serrinha.

Província Eclesiástica de Vitória da Conquista (2002) – Compreende a arquidiocese de Vitória da Conquista, tendo como sufragâneos os bispados de Bom Jesus da Lapa, Caetité, Jequié e Livramento de Nossa Senhora.

Bibliografia

Biografias de Brasileiros Ilustres – 1911 – Padre Raphael Maria Galanti S.J.

Dom Antônio de Macedo Costa - Bispo do Pará – Dom Antônio de Almeida Lustosa.

Brasília Catedral do Brasil (História Eclesiástica do Brasil) – 1970 – Pedro Calmon.

Os Bispos de Fortaleza – RIC 1974 – Fernando Câmara.

O Cardinalato no Brasil – RIC 1976 – Fernando Câmara.

O Tricentenário da Diocese de Pernambuco – RIC 1976 – Fernando Câmara.

Os Pastores da Bahia - Arquidiocese de Salvador – 21.11.1976.

Dom Vital e a Questão Religiosa – RIC 1978 – Fernando Câmara.

Dom Antônio de Macedo Costa - Um Modelo para o Episcopado do Brasil – RIC 1980 – Fernando Câmara.

Dom Luís Antônio dos Santos - O Apóstolo do Ceará – RIC 1981 – Fernando Câmara.

O Sesquicentenário de Dom Jerônimo Thomé da Silva – RIC 2000 – Fernando Câmara.

Diretório de Liturgia e da Organização da Igreja no Brasil – 2010 – CNBB.